

Relações de gênero e educação física escolar: possibilidades pedagógicas

Mateus Camargo Pereira¹⁵⁶

INTRODUÇÃO: Apesar das profundas mudanças no papel da mulher no século XX, fruto de suas lutas pela conquista de direitos e emancipação, ainda há muito por fazer. No campo da educação física, a discussão sobre as relações de gênero ganhou materialidade apenas no final do século, na década de 1990, a partir de uma mudança que abriu novas possibilidades pedagógicas: o deslocamento das aulas para a grade curricular regular, possibilitando que meninos e meninas participassem conjuntamente das aulas. Estava posto o desafio de conciliar diferentes experiências e expectativas. No entanto, predominava na prática pedagógica dos professores de educação física uma visão centrada na separação sexual das atividades, justificada por diferenças físicas pretensamente irreconciliáveis. Delamont (1985), citado por Oliveira (1996, p.22) trata de elucidar a confusão conceitual presente entre os professores, diferenciando sexo e gênero: *“A palavra sexo deve respeitar, para se falar com propriedade, aos aspectos biológicos da existência de machos e fêmeas. As diferenças de sexo, portanto devem ser mencionadas unicamente a respeito da anatomia, da fisiologia, da genética, das hormonas, etc. A palavra gênero, falando com propriedade, deve ser utilizada para mencionar todos os aspectos não biológicos das diferenças entre indivíduos do sexo masculino e indivíduos do sexo feminino – vestuário, interesses, atitudes, comportamentos, aptidões - que separam os estilos de vida “masculino” e “feminino”*” No mesmo trabalho Oliveira (1996) mostra-nos como as diferenças físicas existentes entre os sexos são pequenas, porém exacerbadas socialmente. A escola constitui-se num espaço privilegiado para abordar essa questão cientificamente. Ela é a instituição difusora de cultura e local em que as relações sociais podem ser problematizadas. A educação física, como disciplina responsável pelos conteúdos da cultura corporal, é lócus para reflexões e práticas potencialmente problematizadoras dessa relação. Disto isto, o tema deste trabalho são as relações de gênero nas aulas de educação física em turmas mistas. Para tanto, partimos da compreensão de Daolio (1995) para caracterizar a relação homem/mulher na educação física escolar: *“Nem igualdade forçada, nem*

¹⁵⁶ Instituto Federal do Sul de Minas - campus Muzambinho; Contato: mateus.pereira@eafmuz.gov.br

desigualdade justificada por processos naturais. Na verdade, seria prudente abandonar o binômio igualdade/desigualdade como critério para analisar a questão das diferenças sexuais nas aulas de educação física, sob o risco de se considerar meninas como menos iguais aos meninos ou, em outras palavras, inferiores a eles”.

OBJETIVO: Apresentar algumas possibilidades pedagógicas para o debate das relações de gênero em aula mistas de educação física escolar, a partir de nossa vivência como professores. **METODOLOGIA:** Realizamos uma pesquisa qualitativa, utilizando como método a pesquisa-ação. Segundo THIOLENT (1986, p.14) *“Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.”* A partir das aulas ministradas e dos registros e avaliações realizados buscamos refletir, apoiados em autores da área, sobre as modificações e propostas que nos ajudaram a superar o modelo ainda vigente de divisão sexual nas aulas de educação física escolar. As aulas foram realizadas em três redes de ensino públicas, contemplando quatro escolas: uma estadual localizada no município de Paulínia/SP; três municipais, sendo duas localizadas no município de Vinhedo/SP e a outra localizada em Campinas/SP, entre 2007 e 2010. Eram turmas de 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Os conteúdos trabalhados nas aulas foram: esporte, luta, dança, jogo e ginástica. Porém para este trabalho selecionamos as intervenções feitas em esporte, luta e dança. **RESULTADOS e DISCUSSÕES:** As experiências pedagógicas propostas demonstraram ser viáveis para materializar uma prática na educação física escolar em que as diferenças entre meninos e meninas fossem encaradas com naturalidade. É fato, também, que esses resultados não se deram de forma homogênea. O início de um trabalho diferenciado não ocorre sem reservas. Encontramos resistência de meninos e meninas. Tal postura se sustentava nas concepções consagradas socialmente sobre as características sexuais: os meninos seriam mais habilidosos e “brutos”, fazendo uso dessas características para se sobressairerem perante as meninas; elas seriam inábeis e/ou incapazes de praticar algumas atividades, pois seriam lentas, sensíveis, frágeis etc. Mas nos respaldávamos na opinião de Daolio (1997, p.80) ao afirmar que *“(…) nem todas as meninas são inábeis e nem todos os meninos são hábeis. Existe uma enorme gradação entre o mais hábil e o menos hábil, tanto para as meninas quanto*

para os meninos. Além disso, essa gradação pode se modificar dependendo da atividade realizada.” No início do trabalho com os adolescentes estabelecemos alguns parâmetros: 1) A educação física era a disciplina em que todos deveriam participar, mostrando suas experiências motoras e habilidades; 2) A participação em aulas com conteúdos até então pouco trabalhados (dança e lutas, por exemplo) seria necessária, pois a escola não é o lugar da reprodução do já conhecido, mas da ampliação dos referenciais acerca das práticas corporais; 3) Atividades reconhecidas como femininas, como a dança, ou masculinas, como o futebol, seriam obrigatórias a todos; 4) Os alunos não seriam avaliados meramente por suas performances físicas, mas sim pela compreensão do conteúdo. Para a desconstrução dos rótulos foram usados alguns recursos didáticos: 1) Os meninos e meninas eram incentivados a trazerem músicas de sua preferência, de forma a motivar a participação nas primeiras aulas de dança. 2) Foram apresentados vídeos de grupos de dança formados por meninos e meninas. 3) No esporte, as equipes eram escolhidas por sexo (número igual de meninos e meninas), somado ao equilíbrio de experiências naquela modalidade. A mera separação por sexo criava uma situação de marginalização das meninas, visto que elas ainda eram (e são) pouco estimuladas nas vivências esportivas em relação aos meninos, salvo exceções. 4) No caso das lutas buscamos colocar meninos e meninas em confronto, tendo como critério o equilíbrio de força. Algumas meninas venceram as lutas contra meninos, gerando debates muito produtivos. Ainda que adaptações nas práticas fosse um recurso interessante, percebemos que a facilitação de uma função para a menina ou menino durante o jogo, como a restrição de gols/cestas/pontos pelos meninos, ou a obrigatoriedade de gols/cestas/pontos pelas meninas, reforçavam os estereótipos que desejávamos combater (hábil/inábil, fortes/fracos). Entendemos que os/as mais experientes numa prática devem ser desafiados a servir os colegas no jogo, independente das características sexuais. Outro ponto relevante para a problematização das relações de gênero nas aulas mistas de educação física foi a competição. Quando a prática tinha um caráter competitivo, eram procurados os colegas mais habilidosos, fossem eles meninos ou meninas, como forma mais efetiva de se ganhar o jogo. Aqueles que falhavam quando requisitados acabavam marginalizados nas jogadas seguintes. Percebemos que atividades competitivas acirravam as relações entre os mais habilidosos e os menos habilidosos, sendo as diferenças sexuais utilizadas como “bode expiatório”. As modificações também

acabaram por incluir os alunos que apresentavam deficiências ou um padrão corporal diferente do considerado “normal”, como obesos e pessoas de baixa estatura. Creditamos isso ao intenso trabalho de desconstrução de estereótipos. Essa questão merece um estudo específico. CONCLUSÕES: Nossa experiência docente nos mostrou a relevância dos estudos sobre as relações de gênero nas aulas mistas de educação física, no sentido de problematizar e superar o estereótipo de gênero. Com modificações simples conseguimos passos rumo a uma educação física crítica e reflexiva neste campo, instigando os alunos e até mesmo atingindo de forma positiva outros grupos que historicamente eram excluídos das aulas ditas “práticas”. A escola, espaço formador de cultura e transmissor de saber científico, e a educação física como disciplina que trata da cultura corporal, devem estar empenhadas na superação do quadro de injustiça e desigualdade. Esperamos, com este trabalho, contribuir para o sucesso dessa empreitada.

Palavras chave: Educação Física escolar. Relações de gênero. Aulas mistas.